

## POLÍTICO, SILÊNCIO E MEMÓRIA: SENTIDOS DE ÓDIO E RACISMO NO BRASIL

Natanael Vieira de Souza<sup>1</sup>

Márcia Regina Souza<sup>2</sup>

Este texto escrito a quatro mãos é resultado de pesquisas realizadas pelos autores como membros do grupo de pesquisa GEPELCO, vinculado ao CNPq e ao projeto de pesquisa Gestão do social no/pelo Estado: os sentidos de (des)igualdade social em discursividades contemporâneas (FAPEMAT/UNEMAT)<sup>3</sup>. As questões aqui levantadas partem de inquietações dos autores que produzem uma interface entre os trabalhos de pesquisa de ambos. Souza (2018, 2022) pensando as discursividades sobre racismo a partir de diferentes materialidades significantes e, Souza (2020), refletindo sobre sentidos de resistência em tempos de bolsonarismo a partir das canções de Chico César.

Neste estudo, que se inscreve na teoria da Análise de Discurso materialista, objetivamos analisar as discursividades sobre o racismo na relação com os sentidos de ódio que proliferam pelo país sustentados, em especial, no campo político, produzindo uma regularidade. O país que se constitui por um imaginário de diversidade cultural e alegria de seu povo, passa a ser significado como um lugar cada vez mais hostil.

Em uma via pública da cidade do Rio de Janeiro/RJ, à luz do dia, um trabalhador negro é açoitado por uma mulher branca, como o que ela considera uma punição por uma desobediência do homem. A cena descrita poderia ser uma situação do período escravista brasileiro, mas trata-se de um fato que ocorreu no dia 09 de abril de 2023, no bairro de São Conrado, na Zona Sul do Rio de Janeiro, conforme noticiado pelos sites de notícias UOL<sup>4</sup> e Brasil de Fato<sup>5</sup>.

O trabalhador é o motoboy Max Angelo dos Santos. A mulher é Sandra Mathias Correia de Sá. A “ordem” desobedecida é a de que um grupo de trabalhadores desocupassem a calçada em que estavam com suas motos. E a inquietação que a cena provoca compreender o que faz com que “em pleno século XXI”, no ano de 2023, em uma via pública movimentada, à luz do dia, uma mulher branca se sinta autorizada a açoitar um homem negro, em seu local de trabalho, simplesmente por considerar que aquele não é o seu lugar. Diante dessas questões, propomos um percurso teórico-analítico que nos possibilite

<sup>1</sup> Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT; Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. E-mail: natodesouza@hotmail.com.

<sup>2</sup> Mestra em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT; Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. E-mail: marcia\_rsp@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Apresentado na Sessão coordenada IV - Discurso, classe, relações étnico-raciais, com a coordenação de: Felipe Augusto Santana do Nascimento (IFAL), Glória França (UFMA), Rogério Modesto (UESC).

<sup>4</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/04/10/mulher-e-acusada-de-lesao-corporal-por-bater-com-coleira-em-entregador.htm>. Acesso em 20 abr. 2023.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/04/12/quem-e-a-ex-jogadora-de-volei-que-chicoteou-motoboy-e-mordeu-perna-de-uma-entregadora-no-rio>. Acesso em: 20 abr. 2023.

compreender quais relações de poder sustentam e legitimam as manifestações públicas de racismo/ódio; qual o movimento de sentidos que faz com que o racismo e o ódio saiam de um espaço de interdição para um espaço de exposição.

## **Sentidos de ódio no Brasil**

O atual cenário político do Brasil tem sido palco para a disseminação de sentidos de ódio e intolerância, mas sabemos que isso não é novo, quando pensamos em nossa constituição histórica, compreendemos que o ódio no Brasil remonta aos tempos da colonização, quando os povos indígenas foram dizimados e a escravidão foi instituída. Com o passar dos anos, a intolerância se manifestou de outras formas, como o racismo, a homofobia e a misoginia, etc.

Atualmente as manifestações de ódio têm sido intensificadas. Há algum tempo as redes sociais, que produzem um imaginário de anonimato, são usadas em larga escala para espalhar mentiras sobre pessoas e grupos sociais que constituem o alvo de discursos de ódio, as chamadas “minorias”. São discursividades que circulam e disseminam o ódio e a violência contra grupos vulneráveis. O resultado disso é uma sociedade cada vez mais polarizada e intolerante. Há um funcionamento ideológico que produz nos sujeitos o imaginário de que as coisas só podem ser de uma forma e não de outra (Pêcheux, [1975] 2014). Que só é possível existir sob a ótica dos grupos dominantes, assim, os sentidos de ódio são naturalizados e até incentivados por figuras públicas.

Durante toda a história da humanidade encontramos registros de grupos se digladiando e cometendo atos bárbaros que materializam o ódio ao outro, ao diferente. O que há de novo em condições de produção atuais é que, o funcionamento do digital constitui o ambiente propício para a circulação de vozes diversas, produzindo o embate entre os grupos hegemônicos e as “minorias”, pois o mesmo espaço que possibilita as manifestações de intolerância, possibilitam a resistência de vozes antes silenciadas. Os grupos sociais antes invisibilizados adquirem notoriedade (Souza, 2022).

No século XVI, Thomas Hobbes (2014), já anunciava esta faceta da humanidade, do ódio que fazia com que todos se virassem contra todos, argumentava que a falta de um poder maior que moderasse as relações de uns com os outros, fazia com que grupos de humanos se voltassem contra os demais. No Brasil, em 2017, cinco séculos depois, vimos algo parecido acontecer quando no estado do Espírito Santo houve a greve dos policiais por melhores salários e condições dignas de trabalho. Com a paralização dos policiais, ou seja, com a ausência da força repressiva do Estado, em pouco tempo, houve uma onda de assaltos, assassinatos, estupros, roubos e invasões de propriedades<sup>6</sup>. Pessoas de todas as classes sociais eram vistas furtando lojas pela cidade e corroborando para o caos social.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/2017/02/sem-policia-nas-ruas-es-tem-dia-de-roubos-saques-e-mortes.html>. Acesso em: 29. nov. 2023.

Sergio Buarque de Holanda (1995) escreveu uma das grandes obras do século XX, o seu argumento foi que o povo brasileiro é um povo cordial. Dado esta argumentação, de que a cordialidade é um traço marcante da brasilidade, o povo brasileiro é um povo cordial, que age com o coração, significa dizer que até o nosso ódio é cordial, nós, brasileiros, temos uma capacidade imensa de odiar, mesmo que, por vez ou outra, algum relampejo civilizatório nos acometa, nos impedindo de nos manifestar odiosamente em público.

Entretanto, o cenário de polarização política atual, produz um movimento que faz com que o ódio que se constitui histórico-ideologicamente contra as populações minorizadas saia do suposto anonimato das redes sociais e se materialize no social, saia do mundo virtual e se manifeste publicamente no mundo real. Um ódio que ultrapassa a disputa político-partidária e se amplia para outras direções, se espraiando por todo o tecido sociocultural, étnico, etário, de gênero e étnico-racial.

Compreendemos, dessa forma, que as manifestações públicas de ódio e intolerância que se intensificaram no país a partir do ano de 2016, como consequência da polarização política pós golpe, são apenas o reflexo de comportamentos latentes constitutivos da nossa sociedade. Comportamentos estes que, mesmo dissimulados sob a máscara da cordialidade, sempre esteve presente. O gesto de sentir ódio, em especial, manifestar ódio de forma verbal ou física, passa por processos de interdição, mas o efeito de polarização que regula as relações sociais no Brasil atual, produz um efeito de legitimidade para as manifestações públicas de intolerância.

Em 2001, o assassinato de Galdino Jesus dos Santos (o índio Galdino), em uma rua de Brasília, chocou a todos os brasileiros. Galdino, depois de bater na porta de uma pensão e ser recusado, resolveu dormir na rua, entretanto, um grupo de jovens de classe média, achou que seria divertido atear fogo no indígena e, o fizeram<sup>7</sup>. Recentemente o G1<sup>8</sup> noticiou um caso de etarismo, mostrando a hostilização de Patrícia Linares, a universitária que foi menosprezada em um vídeo, por três colegas de turma pelo fato de ter mais de 40 anos. Sobre as questões de gênero no Brasil atual, de acordo com o levantamento, feito com base nos registros de Boletins de Ocorrência feitos pelas Polícias Civas dos estados e do Distrito Federal, houve crescimento dos casos de feminicídio e de estupro<sup>9</sup>. A “Folha de São Paulo”<sup>10</sup> em seu *site* atualizou uma notícia no dia 20 de julho de 2023, relatando o aumento de 68% nos casos de racismo no Brasil. Os registros de crimes raciais nos estados brasileiros ainda são pouco transparentes, instáveis e expõem a má produção das informações, o que pode impactar nas políticas públicas de segurança.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/foi-so-uma-brincadeira-o-assassinato-de-galdino-pataxo-queimado-vivo-enquanto-dormia-na-rua.html>. Acesso em: 28. nov. 2023.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2023/03/15/apos-caso-de-etarismo-universitarios-com-mais-de-40-anos-criam-corrente-do-bem-e-viralizam-na-web.ghtml> - Acesso em: 28. nov. 2023.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/11/14/crescimento-de-feminicidios-e-estupros-em-2023-reflete-queda-de-investimentos-em-governos-anteriores-diz-pesquisadora>. Acesso em: 29. nov. 2023.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/07/casos-de-racismo-no-brasil-aumentaram-68-em-2022-mostra-levantamento.shtml>. Acesso em: 29. nov. 2023.

Esta é apenas uma breve descrição das condições de produção da constituição e circulação de sentidos de ódio no Brasil atual. A recorrência de casos como estes produz um efeito de naturalização e banalização desses sentidos. Partindo da análise teórico-analítica do recorte por nós selecionado, esperamos contribuir para que outras vozes possam ser ouvidas e, sobretudo, encontrar respaldo nas políticas sociais que prezam pela justiça.

Trazendo essas reflexões mais para o campo discursivo, recorreremos às análises de Daltoé e Silva (2022, p. 37) que em uma interface entre Análise de Discurso e Psicanálise, compreendem os discursos de ódio na relação com a angústia, “uma angústia em relação ao que é diferente de mim, que é negro, que é mulher, que é judeu, que é pobre, que é homossexual, que pensa diferente”. Para as autoras há um funcionamento da ordem do psíquico que produz a repulsa pelo diferente, pelo que não reconhecemos como sujeito e esse funcionamento interessa não só à psicanálise, mas para o campo político que, como ressaltam as autoras, se beneficiam disso para a quebra do laço social.

Cornelius Castoriadis, argumenta que ódio está estritamente ligado ao sentimento produzido pelo racismo: “trata-se da aparente incapacidade de se constituir como si mesmo, sem excluir o outro; em seguida, da aparente incapacidade de excluir o outro sem desvalorizá-lo, chegando, finalmente, a odiá-lo” (Castoriadis, 1992, p. 32).

A concepção de ódio tratada aqui é, portanto, uma questão também de alteridade. O discurso de ódio, como uma “prática social”, define “a constituição histórica de um sujeito de conhecimento”, especialmente porque “o discurso é esse conjunto regular de fatos linguísticos em determinado nível, e polêmicos e estratégicos em outro” (Foucault, 2005, p. 9). Propomos, a seguir, pensar o modo como os discursos de ódio se entrelaçam aos discursos racistas.

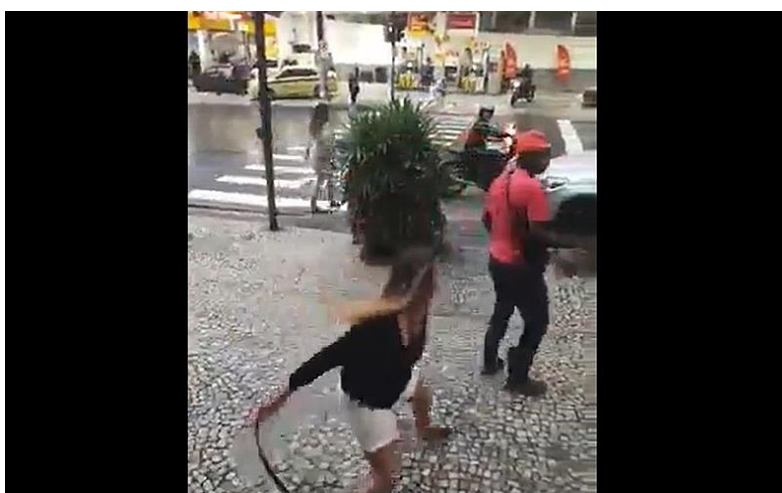
### **Entrelaçamento entre discurso racista e discurso de ódio**

Para compreendermos o funcionamento dos sentidos de racismo, nos ancoramos em Orlandi (2017, p. 94) que define o preconceito como “uma discursividade, que circula sem sustentação em condições reais, mantida por um imaginário atravessado por um poder dizer que silencia sentidos na base do próprio processo de significação”. Conforme a autora explica, os sentidos podem sempre se deslocar e significar diferentemente em diferentes condições de produção. Mas há relações de força e poder que regulam a sociedade e produzem diferentes direções para esses sentidos fazendo com que as diferenças sejam significadas a partir do imaginário que se constitui regulado pelas relações sociais e de poder, constituindo hierarquias.

As imagens que foram filmadas e viralizaram nas mídias sociais, configuram um recorte dos fatos que, vistos da perspectiva da Análise de Discurso, constituem um acontecimento, um gesto de uma mulher branca que ao “chicotear” um homem negro, expõe o caráter racista de seu ato sustentado na memória de um país escravocrata, em que brancos e negros ocupam posições sociais hierarquicamente distintas,

estando os brancos em posição de superioridade, autorizados a aplicar corretivos aos negros, quando estes os desobedecem.

### Imagem 1



Fonte: Brasil de Fato, 2023

É importante para a nossa análise toda a descrição que a página do site UOL<sup>11</sup> faz ao noticiar o episódio. Depois de puxar a camisa e dar golpes tentando atingir entregador, Sandra pega a guia da coleira do cachorro e dá uma chicotada nas costas dele. As palavras de Max logo depois foram, “Eu me senti muito mal, porque pareceu que ela tava dando chicotada num escravo. O escravo não fez um serviço direito, ela foi lá e deu chicotada nele. Me senti muito humilhado”. Tudo isto ocorreu na calçada em que os entregadores retiram pedidos para realizarem suas entregas.

Ainda segundo o site, “Max relata que foi a segunda vez que a mulher agrediu o grupo. Antes, na segunda-feira (3), a ex-jogadora de vôlei também mandou eles voltarem para a favela e os chamou de “lixo”.

O gesto da mulher branca de tirar a guia do cachorro e utiliza-la para açoitar o homem negro permite que o racismo saia da condição velada em que se produz no Brasil, tornando-se visível, tangível, perceptível, questionável.

Como abordamos em trabalho anterior (Souza, 2018), há uma divisão imaginária que separa brancos e negros socialmente, que estabelece uma fronteira entre o lugar do branco e o lugar do negro. Ao tentar expulsar os trabalhadores da calçada, a mulher o faz inscrita em uma formação discursiva que não só significa aquela calçada, aquela rua, aquele bairro, aquela cidade como um lugar de brancos, como lhe confere autoridade para determinar quem pode ou não permanecer ali, considerando que a formação

<sup>11</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/04/11/agressora-racismo-sao-conrado-prima.htm>. Acesso em: 20 abr. 2023.

discursiva é “o que pode e deve ser dito” em uma formação ideológica dada, a partir de uma determinada posição (Pêcheux, [1975] 2014a, p. 147).

Orlandi (2017, p. 96) compreende que o preconceito é da ordem do silenciamento local, uma forma de censura e:

No caso do racismo, o que está censurado, silenciado é que a cor é parte do processo de individuação do sujeito pelo Estado, e de tal modo que, pela divisão social de sujeitos e sentidos produzida pelo político, a cor negra é estigmatizada: “não é para ser negro”.

No caso do nosso objeto, a cor marca o lugar de não pertencimento, não é permitido a pessoas negras se exporem em vias públicas em um espaço imaginariamente destinado aos brancos. Não é para ser negro, não é para ocupar a calçada, não é para desobedecer a uma pessoa branca.

## REFERÊNCIAS

- AGRESSORA de entregador no Rio afirmou ser prima de governador, que nega. **UOL**, 11 abr. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/04/11/agressora-racismo-sao-conrado-prima.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 20 abr. 2023.
- CASTORIADIS, Castoriadis. **O mundo fragmentado** – as encruzilhadas do labirinto 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- DALTOÉ, Andréia da Silva; SILVA, Dâmaris de Oliveira Batista da. O esgarçamento do laço social: o cheiro que afeta. *Diálogos Pertinentes. Revista Científica de Letras*, v. 18, n. 1, p. 31-45, jan./jun. 2022.
- FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2005.
- MULHER bate em entregadores no Rio e chega a usar coleira em agressões. **UOL**, 10 abr. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/04/10/mulher-e-acusada-de-lesao-corporal-por-bater-com-coleira-em-entregador.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 20 abr. 2023.
- ORLANDI, Eni. **Eu, Tu, Ele: Discurso e Real da História**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.
- PECHÊUX, Michel. [1975] **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 5 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014a.
- SOUZA, Márcia Regina de. **Discursividades sobre o negro no espaço acadêmico**. 2018. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2018.
- SOUZA, Márcia Regina de. **Discursividades sobre os negros nos meios publicitários: divisão dos sujeitos e dos sentidos**. 2022. Tese (Doutorado Acadêmico em Linguística) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2022.
- SOUZA, Natanael Vieira de. **Gestos de resistência nas canções de Chico César em tempos de pandemia e bolsonarismo: uma análise discursiva**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2021.
- QUEM é a ex-jogadora de vôlei que chicoteou motoboy e mordeu perna de uma entregadora no Rio. **Brasil de Fato**, 12 abr. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/04/12/quem-e-a-ex-jogadora-de-volei-que-chicoteou-motoboy-e-mordeu-perna-de-uma-entregadora-no-rio>. Acesso em: 20 abr. 2023.